

Banco confia menos em devedores

Nova Iorque — A confiança dos bancos internacionais nos países devedores do mundo caiu ao nível mais baixo dos últimos dez anos, segundo uma pesquisa da revista financeira norte-americana *Investidor Institucional*. A pesquisa, correspondente a setembro, indica que a reputação creditícia dos países latino-americanos caiu pela quinta vez consecutiva. Cada seis meses, a *Institucional Investor* pede a uma centena de bancos internacionais que graduem em uma escala de 0 a 100 a reputação creditícia de 112 países.

Entre todas as regiões do mundo, a América Latina é a de menor estima entre os banqueiros, exceção feita à África, continente ao qual tem uma vantagem por uma estreita margem. A Colômbia é o país latino-americano de melhor reputação entre os banqueiros, seguido por Trinidad Tobago, Venezuela, Barbados e Chile. A Nicarágua está em último lugar, e em penúltimo na lista mundial, à frente da Coreia do Norte. A Colômbia está em 46º lugar no ranking mundial.

Desde a última pesquisa em

março passado, a Colômbia, Tríndad, Brasil, Paraguai, Panamá, Argentina, Equador, Peru e Nicarágua sofreram uma diminuição em sua reputação creditícia. Os demais países subiram. Em seu último número de setembro, a revista mensal indica que o Japão está atualmente em primeiro lugar, com 94,8 pontos, seguido pela Suíça (93,9), Alemanha Ocidental (93,1) e Estados Unidos (89,7).

A Coreia do Norte está em último lugar com 4,5 pontos, e a Nicarágua em penúltimo com 5,2. A média de 112 países, diz a *Institucional Investor*, "caiu a um nível jamais registrado antes de 38,7" na pesquisa de setembro.

"O novo nível mínimo global é o ponto máximo de uma prolongada tendência de baixa nos dez anos que esta revista vem reunindo as cifras", comentou a revista. "A queda de 0,2 ponto desde março deste ano parece refletir um pessimismo insitivo, inclusive um esgotamento mundial, antes que acontecimentos concretos".

Crise

As médias vêm baixando de uma forma especialmente pro-

nunciada desde agosto de 1982, quando o México anunciou que não podia saldar o serviço de sua dívida externa, marcando assim o começo de uma crise creditícia mundial que veio se aprofundando nos seis anos subsequentes.

Os países do terceiro mundo devem atualmente cerca de 1,2 trilhão de dólares aos bancos comerciais, instituições internacionais e governos estrangeiros, dos quais mais de 400 bilhões correspondem à América Latina. O total continua crescendo à medida que os países devedores ficam cada vez mais atrasados no pagamento de juros e capitais.

A *Investidora Institucional (Invertor Institutional)* observa que "parte dos efeitos que perduram da queda dos preços do petróleo com relação aos exportadores de combustível como Argélia, Nigéria e Tríndad, as altas e baixas de cada país refletem questões particulares de cada país, tais como a forma de administrar a dívida, ou o comércio exterior ou as disputas étnicas.

Sobe-e-desce

"Diversas formas de admi-

nistração fiscal diminuiram a reputação dos Estados Unidos, Austrália, Nova Zelândia, os países nórdicos e a Argentina. A administração de reformas econômicas incidiu negativamente no Peru e Hungria. Região por região, a América do Norte registrou a maior mudança ao cair um ponto, enquanto que a Europa Oriental caiu 0,8 pontos. Enquanto os países que baixaram incluem países importantes como os Estados Unidos, China, Nigéria e Brasil, os que subiram incluiram países pequenos como Nepal, Seychelles e Suazilândia".

Reputação

A revista cita a opinião de um banqueiro no sentido de que "a reputação creditícia global provavelmente continuará baixando até que os banqueiros se convençam de que se pôr fim a responsabilidade fiscal nos países industriais e se encontrou uma resposta às ruidosas obrigações creditícias do mundo em desenvolvimento". Quanto a América Latina, a *Institutional Investor* comenta que o Panamá registrou a maior queda na pesquisa, 3,8 pontos", devido a crise política desse país.

Chile

"O Chile, que subiu 1,7 pontos, foi o maior ganhador da região e do terceiro mundo", acrescenta a revista, que atribuiu a isso o crescimento das exportações desse país e a alta nos preços do cobre. A Argentina baixou 0,6 pontos, devido a inflação descontrolada, o que fez com que seu crescimento econômico diminuisse consideravelmente, e porque pioraram as estatísticas sobre seu comércio exterior, na opinião de um banqueiro.

Em troca, a queda de um ponto sofrida pelo Brasil "poderia ser transitória", porque houve um aumento substancial no superávit de seu comércio exterior. "A Colômbia, "o melhor crédito da região, caiu 1,2 pontos apesar de um bom desempenho econômico", devido a violência política e aos guerrilheiros.

A república dominicana ganhou 1,1 pontos, mas um banqueiro de Miami acha que este avanço será temporário, porque a estratégia econômica estourou e o país volta ao Fundo Monetário Internacional.